

EDITORIAL

Gutemberg de Vilhena SILVA¹

Stéphane ROSIÈRE²

Este número da *Revista de Geopolítica* é fruto direto de uma colaboração desta revista com o Observatório das Fronteiras do Platô das Guianas (OBFRON, www2.unifap.br/obfron). Este observatório é um núcleo convergente de pesquisas sobre as Guianas que, além de seus 10 pesquisadores permanentes e dos diversos discentes de graduação e pós-graduação envolvidos, ainda conta com a colaboração de pesquisadores de várias universidades brasileiras e estrangeiras.

Nesta edição temática intitulada ***Guianas - temas clássicos e emergentes para desvendar faces geo-estratégicas do norte da América do Sul***³, os pesquisadores envolvidos, tanto do OBFRON quanto os convidados, apresentam ao público da *Revista de Geopolítica* uma série de reflexões desta que é uma das regiões menos estudadas nas Américas e diríamos, de maneira ousada, do mundo.

A proposta do dossiê articula desde temas mundiais voltados para questões como soberania em tempos de mundialização e cooperação internacional, até aqueles que analisam configurações nacionais e regionais específicas das Guianas. Em todos os casos, direta ou indiretamente, o fio condutor é a geopolítica, entendida, grosso modo, como a relação entre *espaço* e *poder* expressas e tensionadas no território (BECKER, 2004).

É interessante e pertinente destacar que o estudo das relações internacionais por meio da geopolítica tem nos mostrado diversos compartilhamentos territoriais ainda carentes

¹ Pós-doutorando do CNPq na Universidade Sorbonne Nouvelle, Paris 3. Professor Adjunto – Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Amapá, curso de Relações Internacionais. Pesquisador do Observatório das Fronteiras do Platô das Guianas (OBFRON, www2.unifap.br/obfron) e coordenador do Grupo Políticas Territoriais e Desenvolvimento (POTEDDES). E-mail: bgeografo@gmail.com

² Professor da Universidade de Reims Champagne-Ardenne, França (URCA-França) e da Universidade Matej Bel, Eslováquia (UMB-Eslováquia); Diretor do Mestrado em Geopolítica (URCA/UMB), Diretor do Laboratório *Habiter* (E.A.2076), Diretor de publicações da revista *L'Espace Politique* <<http://espacepolitique.revues.org/>>. Email: stephanrosiere@orange.fr

³ Vários textos deste dossiê contaram com o apoio da Coordenação de Apoio de Pessoal do Ensino Superior (CAPES), por meio do edital nº031/2013 Pró-Defesa/CAPES, código 42001013065P3. Quando for o caso, haverá menção a este apoio.

de força conceitual e pragmática em seus universos explicativos. Desse modo, a multiplicação dos sistemas de compartilhamento dos territórios em todas as escalas (VALLET, 2014), dentro de um ambiente economicamente neoliberal, necessitou, portanto, da criação de termos adequados para dar conta da complexidade de temas e abordagens geopolíticas. Neste ambiente de incertezas surge a expressão *teicopolítica*⁴ para suprir parte do desafio conceitual (BALLIF & ROSIÈRE, 2009; ROSIÈRE & JONES, 2012; ROSIÈRE, 2015).

As *teicopolíticas* exprimem uma vontade de controlar um ambiente percebido como uma ameaça. As ameaças contemporâneas são estruturalmente ligadas à mundialização, que é o movimento, e se opõe a necessidade de controle próprio aos poderes territoriais como aos Estados. A dialética fundamental circulação/segurança é o coração das *teicopolíticas* contemporâneas, apresentando a contradição-desafio entre o discurso de mobilidade, difundido pelas autoridades políticas e científicas a respeito da mundialização, e a situação nas fronteiras, marcadas pela vontade de bloquear os fluxos, notadamente de pessoas. Atualmente, vemos reaparecer/se fortalecerem reivindicações marítimo-territoriais, os separatismos e movimentos armados (ROSIÈRE, 2015), por um lado, e a adoção de inúmeras iniciativas de cooperação internacional e integração física regional, por outro. Estes são campos de estudo fecundos no seio das *teicopolíticas*, aparecendo neste dossiê como núcleo balizador em alguns dos artigos, embora a própria expressão não seja usada.

Lia Osório Machado expressa de maneira muito clara o momento pelo qual vivemos na Amazônia internacional, onde se incluem as Guianas e onde podemos muito bem utilizar as *teicopolíticas* como ferramenta conceitual de análises. Para Machado (2003), três questões são essenciais: em primeiro lugar, existe uma ação decidida de reivindicação por parte das populações amazônicas sul-americanas por uma melhor interconexão entre os diversos países pelas redes de circulação; segundo, os tradicionais esquemas geopolíticos de base nacional (sistema fechado) foram atropelados pela proliferação de estratégias e ações estrangeiras que têm como unidade a bacia amazônica sul-americana, ou pelo menos porções da região que não se encaixem nos esquemas que veem a fronteira como um *sistema fechado*; e as estratégias e as ações de caráter territorial, que partem de uma perspectiva continental/global, foram assimiladas pelas elites econômicas, políticas e intelectuais regionais como referencial para suas reivindicações, e estão pressionando os centros de decisão nacionais a reverem suas políticas territoriais para a região.

⁴ Neologismo construído sobre uma terminologia de origem no grego antigo τεῖχος (*teicos*) – que designa um “muro” da cidade, ambas cidade e Estado – e reforça perfeitamente a multiplicação contemporânea dos muros urbanos e fronteiras.

Considerando as reflexões acima e o interesse deste dossiê temático, a questão que norteou os artigos aqui publicados foi: *de que maneira podemos pensar as Guianas neste século XXI, considerando diversas espacialidades e temporalidades regionais-mundiais com a geopolítica como fio condutor?*

O artigo de Gutemberg SILVA intitulado ***A região das Guianas e o papel do OBFron na compreensão regional*** inicia a sequência de reflexões tendo por pilar duas questões: primeiro o autor lança uma proposta para pensar as Guianas como um complexo histórico-geopolítico regional, marcado por um “conteúdo” peculiar e similitudes em aspectos naturais, sociais, históricos, culturais e econômicos. Em seguida, o autor estabelece eixos temáticos que tem sido trabalhados pelos pesquisadores do OBFron, por meio do qual avalia as principais preocupações e resultados já consolidados nos 5 anos de existência do observatório.

Na sequência, Regivaldo ROCHA e Edu ALBUQUERQUE analisam o processo de inserção dos territórios que conformam as Guianas nas políticas de segurança e defesa para o continente sul-americano no artigo ***Perspectivas das relações exteriores dos territórios das guianas à luz das teorias geopolíticas contemporâneas***. Como estratégia de análise e considerando teorias geopolíticas, especialmente o *atlantismo* e o *continentalismo*, o texto segue um resgate histórico sobre os países guianenses e avalia cenários do Conselho de Segurança da União das Nações Sul-Americanas (CS- UNASUL).

No artigo seguinte intitulado ***Integration and International Security in the Guyana Shield***, Paulo CORREA e Eliane SUPERTI, tem como eixo de sustentação compreender as Guianas a partir dos mecanismos de integração física regional/Segurança Internacional, ambos articulados em torno de fricções constantes entre os atores envolvidos no contexto regional, desde os garimpeiros que circulam em movimentos pendulares nas Guianas até as multinacionais que forçam determinados movimentos geopolíticos das elites locais.

O artigo ***Geopolítica no Platô das Guianas: Rivalidades e Cooperação Regional***, de Stéphane GRANGER, defende que as “três Guianas” (Guiana, Suriname e Guiana Francesa), conheceram um isolamento mútuo que permanece a séculos, apesar do envolvimento das duas primeiras em integrações econômicas e políticas cada vez mais numerosas no mundo caribenho, sul-americano e americano de um modo geral. A proposta do autor avalia que a integração pan-guianense (expressão que evoca as Guianas como um complexo geopolítico regional) aparece mais como uma vontade das grandes potências exteriores em extrair riquezas de elevado valor estratégico, como o petróleo e o ouro, do que dos próprios governos guianenses, por causa de tensões e litígios fronteiriços ainda vivos.

Essa situação geopolítica está presente direta ou indiretamente em boa parte dos textos deste dossiê temático.

Em seguida, Daniel CHAVES no texto intitulado ***Periferias, junções e novos espaços: uma compreensão histórica comparativa para novas e antigas geopolíticas no platô das guianas***, constrói sua compreensão regional pautado na História comparada para, com isso, refletir sobre mecanismos reguladores, internos e externos da região, como elementos convergentes de um bloco histórico das Guianas. O autor ensaia uma hipótese ousada, mas necessária, que é a possibilidade de conexão geopolítica amazônico-caribenha com relevante potencial para a integração América do Sul-Caribe.

De uma maneira geral, os artigos apresentados até aqui formam um conjunto reflexivo que busca compreender as Guianas, direta ou indiretamente, como um complexo regional geopolítico articulado e friccionado por tensões e arranjos em múltiplas escalas. Essas tensões envolvem questões amplas, algumas das quais atreladas às *teicopolíticas*, como segurança internacional; barreiras fronteiriças, etc. até *geograficidades* que se formam e, em certa medida, forçam e tensionam as ações *top-down*, causando movimentos geopolíticos complexos no contexto regional.

Os artigos seguintes tratam de questões mais focadas, com a eleição de um ou alguns aspectos mais específicos da geopolítica regional. Em seu artigo intitulado ***Visión Geopolítica e Histórica de las Fronteras de Venezuela y Guyana***, Mario Valero Martinez avalia a histórica disputa territorial entre os países mencionados por meio dos acontecimentos mais significativos que marcaram a problemática bilateral.

O penúltimo artigo, assinado por Iuri Cavlak e cujo título é ***O Golpe Militar no Suriname e a Geopolítica no platô das Guianas***, analisa uma temporalidade e uma configuração específica da República do Suriname: sua independência política frente a Holanda, ocorrida em 1975, e o golpe militar de 1980, que abalou as estruturas do país e suas relações externas com a ex-metrópole e nações do entorno regional.

O último artigo intitulado ***O Corredor Transfronteiriço entre o Amapá (BR) e a Guiana Francesa (FR)*** é uma proposta de José Alberto TOSTES e José FRANCISCO em estabelecer uma base regional articulada entre o Amapá e a Guiana Francesa. Os autores procuram elucidar o objeto em questão como uma possibilidade de entendimento das relações sócio-político-econômicas destes dois territórios de maneira articulada entre as principais cidades, de Cayenne, na Guiana Francesa, até Santana no Estado do Amapá.

Esperamos que gostem dos artigos deste dossiê e que tenham uma ótima leitura!

REFERÊNCIAS

BALLIF, F.; ROSIERE, S. Le défi des teichopolitiques. Analyser la fermeture contemporaine des territoires. *L'Espace Géographique*, vol. 38, n°3, pp.193-206, 2009.

BECKER, B. *Amazônia: Geopolítica na virada do III milênio*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

MACHADO, L.O. Região, cidades e redes ilegais: *Geografias alternativas na Amazônia sul-americana*. In: GONÇALVES, M.F. BRANDÃO, C.; GALVÃO, A. (org.). *Regiões e cidades, cidades nas regiões: O desafio urbano-regional*. São Paulo: UNESP, 2003, p.695-707.

ROSIÈRE, S.; JONES, R. Teichopolitics: re-considering globalization through the role of walls and fences. *Geopolitics*, vol.17, n°1, pp. 217-234, 2012.

_____. Vers des guerres migratoires structurelles ? *Bulletin de l'Association de géographes Français*, Dossier : Risques et conflits, vol. 89, n°1, pp.54-73, 2012.

_____. Mundialização e Teicopolíticas: Análise do fechamento contemporâneo das fronteiras internacionais. *Boletim Gaúcho de Geografia*, v. 42, n. 2, 2015.

VALLET, É. (Ed.). *Borders, Fences and Walls. State of Insecurity?* Aldershot/Burlington: Ashgate, 2014.